

# TEOLOGIA PENTECOSTAL, FORMAÇÃO ACADÊMICA E LEITURA BÍBLICA<sup>1</sup>

*Claudete Barbosa da Cruz Santos<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo reflete sobre a formação acadêmica pentecostal e sobre sua forma de leitura bíblica, considerando o contexto pentecostal clássico. Por vezes, o conhecimento elementar que o pentecostal encontra nos programas de ensino de sua igreja choca-se com o que ele encontra na academia teológica, criando assim a impressão de que existe uma espécie de dualismo entre a sua realidade confessional e o ambiente acadêmico, vistos por vezes, como antagônicos. O que se pretende refletir, neste artigo, contudo, é que tanto uma realidade quanto a outra podem oferecer contribuições mútuas. Para tanto, estabeleceu-se um diálogo com alguns autores pentecostais, por meio de pesquisa bibliográfica, objetivando buscar aportes para esta pesquisa, como Craig S. Keener, que defende justamente a possibilidade desse aprendizado entre o acadêmico e a pessoa de fé inserida em sua comunidade, que lê a Bíblia no âmbito popular. Naturalmente, não se propõe neste artigo que essas realidades se confundam; pelo contrário, o entendimento que orienta este trabalho é que cada área precisa ter suas especificidades respeitadas, na medida em que dialogam entre si.

**Palavras-chave:** Experiência pentecostal. Leitura bíblica. Espiritualidade. Formação acadêmica.

## INTRODUÇÃO

O pentecostalismo clássico pode ser considerado uma vertente do protestantismo. Naturalmente, ao se estudar a sua história, é preciso voltar mais no tempo. Noutras palavras, o Pentecostalismo não tem origem na Reforma Protestante, ainda que não se possa deixar de perceber os elos do Movimento Pentecostal com os pressupostos e resultados da Reforma. Os pentecostais “[...] estariam vinculados aos protestantes, não só porque formaram igrejas a partir deles, mas porque de forma análoga ao Protestantismo no século XVI, buscavam um retorno às origens do Cristianismo”<sup>3</sup>.

Ambos os movimentos, o da Reforma Protestante e o Pentecostal, fizeram um retorno às escrituras. David Mesquiati de Oliveira comenta que “[...] quase 400 anos depois do início do movimento protestante, os pentecostais fazem seu próprio retorno às Escrituras, mas dessa vez, lendo-a na perspectiva do Espírito, da mística e do milagre”<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Artigo sob orientação do Prof. Dr. David Mesquiati de Oliveira. Graduação em Teologia. Faculdade Unida de Vitória. Ano 2019.

<sup>2</sup> Bacharelada em Teologia pela Faculdade Unida (Vitória, ES). E-mail: claudetebarbosa515@gmail.com

<sup>3</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e o conceito de performance. *Rever*, a. 17, n. 2, maio/ago. 2017, p. 120-140, p. 128.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Davi Mesquiati de; TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p.92.

Nota-se por vezes, o estabelecimento de uma espécie de dicotomia entre o universo acadêmico-teológico, e a comunidade de fé local. As igrejas de orientação pentecostal historicamente manifestam certa ojeriza ao estudo mais científico das Escrituras, ao passo que o universo acadêmico também apresenta suas reservas, o que acaba por inviabilizar o diálogo construtivo. Por meio desta pesquisa bibliográfica, busca-se indicar exatamente a possibilidade de que se obtenham contribuições mútuas.

Neste artigo, objetiva-se considerar justamente essa interessante relação e de que modo ela influencia o pentecostal em sua leitura da Bíblia. Para tanto, este texto foi estruturado em três tópicos: no primeiro, será abordada a relação entre a espiritualidade pentecostal e a leitura da Bíblia; no segundo, discorrer-se-á sobre a experiência entendida como uma espécie de “lente” através da qual o pentecostal lê as Escrituras e, por fim, no terceiro e último tópico, a relação possível entre a Teologia com um viés mais acadêmico, e a leitura que o próprio pentecostal faz da Bíblia.

## 1. ESPIRITUALIDADE PENTECOSTAL E LEITURA BÍBLICA

A leitura devocional das Escrituras é parte fundamental da espiritualidade pentecostal.<sup>5</sup> São duas práticas que podem, com justiça, serem consideradas indissociáveis para o pentecostal. Noutras palavras, a leitura da Bíblia numa perspectiva devocional é parte constituinte da espiritualidade pentecostal.<sup>6</sup>

O cristão de matriz pentecostal dá muita importância ao ato de “ouvir a voz de Deus” por meio do contato com as Escrituras. Craig S. Keener comenta que a interpretação das Escrituras a partir do olhar carismático contribui diretamente para um aspecto muito importante (e muitas vezes ignorado por acadêmicos) que é a aplicação concreta dos princípios bíblicos à própria vida pessoa.<sup>7</sup> Na verdade, Craig está destacando o resultado prático da leitura das Escrituras na vida das pessoas. A maneira concreta como as pessoas aplicam os princípios bíblicos em suas vidas e em seu cotidiano na perspectiva pentecostal ou carismática é resultado, em grande medida, dessa leitura do texto bíblico.

---

<sup>5</sup> É claro que ao afirmar aqui que esta é uma característica da espiritualidade pentecostal, não se está, com isto, afirmando que esta seja uma característica exclusiva do Pentecostalismo. Com efeito, os cristãos de modo geral têm como certo para si que a leitura devocional das Escrituras é uma parte indissociável da sua vida devocional. Não se pode negar, contudo, que os pentecostais dão especial atenção a leitura devocional da Bíblia.

<sup>6</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 128.

<sup>7</sup> KEENER, Craig S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*. Trad. Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 66.

## 1.1 O retorno às Escrituras na perspectiva extática do Espírito Santo

Embora a Bíblia seja considerada regra de fé, tanto para o pentecostal como para os demais cristãos, a forma como o pentecostal lê a Bíblia diverge num certo sentido da maneira como cristãos de outras tradições lêem as Escrituras. Por exemplo, um cristão de orientação teológica reformada lê a Bíblia a partir do pressuposto reformado que, por sua vez, deve muito ao paradigma racionalista, uma herança do Iluminismo.

Não se pode negar que o pentecostal possui também a sua “lente” específica por meio da qual ele lê e interpreta os textos bíblicos. Uma das formas pela qual o pentecostal olha para as Escrituras é por meio da experiência e por meio do Espírito, bem como de sua ação notada nas narrativas bíblicas. Estas seriam perspectivas típicas da tradição pentecostal. E vale destacar ainda que para o *ethospentecostal*, a Bíblia ocupa lugar central.

O pentecostal, como afirmado acima, lê a Bíblia pelas lentes da experiência, e do Espírito Santo (uma ênfase pneumatológica), e nota-se que isso reflete diretamente na sua vivência social, e não apenas na vivência eclesial. Ele encontra nas Escrituras respostas e até mesmo amparo para as experiências pentecostais (ou carismáticas) pessoais. Não se deve concluir com isto, no entanto, que não exista nenhuma espécie de “respeito hermenêutico” ao texto bíblico. O pentecostal encara a Bíblia como um “livro a ser vivido”, no que ela fala e orienta para a vida, e que nada ali deve ser adulterado.

A Bíblia é considerada Palavra viva de Deus para a vida do crente. O texto bíblico não é desprovido de sentido para o tempo presente. Longe disto, o texto fala e direciona o caminho de quem o lê. “Por palavra de Deus, eles entendem mais que as letras do texto sagrado. Trata-se de letras vivas, que dão sentido à vida. É uma leitura com forte apelo devocional, que mexe com a orientação da vida presente e futura do sujeito”<sup>8</sup>.

De acordo com Antonio Benatte, “[...] a ênfase teológica e pragmática nos dons do Espírito Santo como graça suficiente para o entendimento das Escrituras foi uma das características marcantes do Pentecostalismo”<sup>9</sup>; disso concluíram alguns estudiosos que o Pentecostalismo conviveria com uma espécie de anti-intelectualismo, fechando-se a um estudo mais científico da Bíblia, o que, evidentemente, vem mudando nos últimos anos.<sup>10</sup> Com efeito, os pentecostais, historicamente, sempre entenderam que era necessária a

<sup>8</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 131.

<sup>9</sup> BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil. Aproximações mediante a estética da recepção. *Rever*, a.12, n 01, jan/jun. 2012. p. 10-30, p. 17.

<sup>10</sup> BENATTE, 2012, p. 17.

iluminação do Espírito Santo sobre o crente para que este possa de fato entender melhor as Escrituras, e com essa iluminação podendo lê-la e entendê-las com mais profundidade.

Essa compreensão por parte do pentecostal não deve ser entendida, necessariamente, como uma supressão da razão no estudo das Escrituras, mas sim “que a obtenção do conhecimento espiritual verdadeiro só se concretiza mediante a unção do Espírito Santo no processo de consagração e santificação”<sup>11</sup> do crente, na medida em que ele se aproxima do texto bíblico.

Alguns textos, são bem enfatizados pelo pentecostal, como o livro de Atos e as narrativas de milagres extraordinários, no Antigo e no Novo Testamento. A passagem de Atos dos Apóstolos, capítulo dois, onde se registra a descida do Espírito Santo sobre os cristãos, no dia de Pentecostes, é constantemente tomado como base fundaste para a construção de doutrinas pentecostais. É também um texto muito importante para a defesa do falar em línguas estranhas como evidência inicial (e física) do batismo com o Espírito Santo, ainda que tal conceito não seja uma unanimidade entre pentecostais no mundo, como bem observa o teólogo pentecostal Keener.<sup>12</sup>

A Bíblia assume um lugar de muita importância na espiritualidade pentecostal. O pentecostal encara a Bíblia não apenas como fonte de doutrina e regra de fé, mas também como fonte de vida, de poder e até mesmo como o meio pelo qual o próprio Deus fala com ele. A leitura pentecostal, que têm o Espírito e a experiência como lentes, é fonte de vida e alimento espiritual para o pentecostal.

## 1.2 A Bíblia como base e regra de fé para o pentecostal

É inegável que as Escrituras sempre ocuparam um papel de proeminência no pensamento e na *práxis* pentecostal. Ainda que não necessariamente se possa afirmar que o Pentecostalismo seja de todo aberto a um estudo mais científico das Escrituras, no sentido de se aplicar de modo mais sistemático disciplinas como a Exegese e a Filologia, o amor e estima pelas Escrituras sempre foi uma constante.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> BENATTE, 2012, p. 17.

<sup>12</sup> KEENER, 2018, p. 121ss.

<sup>13</sup> E não se pode negar ainda o cuidado histórico que denominações pentecostais, como a Assembleia de Deus, sempre mantiveram com o estudo da Bíblia, produzindo periódicos e eventos voltados ao ensino bíblico para seus membros (cf. o artigo: DANIEL, Silas. *A formação da teologia pentecostal no Brasil*. Disponível em: <pentecostalismo.wordpress.com/2008/03/31/a-formacaoda-teologia-pentecostal-no-brasil/> Acesso em 18 set. 2019.

O teólogo pentecostal Claudionor Corrêa de Andrade reflete, de certo modo, esse apego, acima mencionado, no comentário que faz na obra *Teologia Sistemática Pentecostal*:

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando milhares de evangélicos alemães apostataavam da fé para seguir o nacional-socialismo de Adolf Hitler, um corajoso homem de Deus se levanta e, ousadamente, desafia a suástica. Ele sabia que o seu gesto acabaria por custar-lhe a vida. No entanto, não a tinha por preciosa aos seus olhos; estava disposto a morrer pela santíssima fé. À semelhança de Martinho Lutero, era Dietrich Bonhoeffer íntimo da Bíblia Sagrada. Certa feita, ele advertiu solene e severamente aos seus contemporâneos: “Não tente tornar a Bíblia importante; ela já é importante em si mesma”.<sup>14</sup>

Vale lembrar ainda que não apenas em termos de liturgia e confissão, mas também em termos de documentos oficiais de igrejas de matriz pentecostal, como por exemplo, a *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, editada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), fica manifesta essa valorização das Escrituras.<sup>15</sup>

A Bíblia é encarada nas diversas comunidades eclesiais de matriz pentecostal como orientadora da vida. Este é outro ponto importante na aproximação do pentecostal para com a Bíblia. Ele encara as Escrituras como um livro a ser conjugado com a ética no mundo da vida. Noutras palavras, precisa haver uma espécie de alinhamento entre o discurso (a pregação) e o que é ensinado pelas Escrituras. O caminho da santificação pessoal passa justamente por esse encontro ou conjugação entre esses dois fatores na vida pessoal do crente.

Os ambientes pentecostais sempre valorizaram muito esse aspecto ético da vida cristã, no sentido de que a ética pessoal deve brotar da ética bíblica. Este é um aspecto muito positivo da espiritualidade pentecostal na maneira em que projeta o pentecostal à vida, ainda que ao modo do Pentecostalismo. Essa leitura ética das Escrituras, evidentemente, também é uma leitura hermenêutico-pentecostal, que reflete em sua ética: a limitação da sexualidade ao casamento, o cuidado com a "língua", a submissão às autoridades dentre outras formas de comportamento que denotam essa preocupação moral.

Historicamente, os pentecostais sempre valorizaram muito a questão da moralidade, algumas vezes, inclusive, caminhando para excessos, refletidos na prática de usos e costumes. Curiosamente, algumas vezes se utilizam textos bíblicos para legitimar determinados conjuntos de usos e costumes, quando na verdade esses textos nada têm a ver.<sup>16</sup> Tal fato,

<sup>14</sup> ANDRADE, Claudionor Corrêa de. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 19.

<sup>15</sup> Cf.: ASSEMBLEIA DE DEUS. *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 25ss.

<sup>16</sup> Um exemplo recente, é o caso da resolução emitida pela Convenção dos Ministros e das Assembleias de Deus no Estado do Mato Grosso (COMADEMAT), que é presidida pelo pastor Sebastião Rodrigues de Souza, em que

todavia, não deixa de ser o reflexo dessa preocupação em extrair das Escrituras orientação para a vida (e em alguns casos, usar a Bíblia para legitimar seu *modus operandi*).

O problema acima mencionado, de usar a Bíblia para legitimar determinados usos e costumes, e ainda, modelos de liderança e práticas litúrgicas, não é, em hipótese alguma, uma exclusividade dos pentecostais. É preciso mencionar tal fato até para que se faça uma abordagem justa. Outras denominações protestantes também incorrem no mesmo erro. O Pentecostalismo, ao seu modo, lança um olhar sobre a conduta individual do cristão buscando sempre elos com o texto bíblico, e por mais que isto tenha como resultado final uma leitura equivocada de determinados textos bíblicos, no que tange ao seu pano de fundo histórico-cultural, não se deve também caminhar no sentido de ignorar que essa aproximação ao texto bíblico é reflexo de algo legítimo: o interesse sincero do pentecostal de “viver a Bíblia”, mesmo distante de suas narrativas no tempo e no que tange à cultura, mas entendendo que seus valores são eternos.

### 1.3A leitura bíblica como parte do fervor pentecostal

O pentecostal valoriza muito a espiritualidade ou, para falar nos próprios termos de um pentecostal, o fervor pentecostal. Nessa hora, é preciso entender em que consiste essa espiritualidade ou esse fervor pentecostal. Basicamente, o cristão pentecostal reconhece que precisa estar próximo de Deus constantemente. Ele crê que essa “comunhão com Deus” se dá pelo contato com a Palavra, por meio da prática da oração, da santificação pessoal e do exercício das disciplinas da vida cristã, como o jejum, por exemplo. Não por acaso, o pentecostal valoriza muito a experiência.

A leitura bíblica nessa conjuntura é fundamental para o pentecostal. Este entende o seu amadurecimento espiritual pelo nível de interesse manifesto pelas Escrituras. Maior interesse e dedicação ao estudo e leitura da Bíblia é, para o crente pentecostal, um indicativo do seu crescimento pessoal em Cristo.<sup>17</sup> O Pentecostalismo, neste sentido, representa, de certo modo, um verdadeiro paradoxo. O Movimento Pentecostal ficou conhecido pela sua histórica

---

se proíbem determinados usos e costumes com base em textos bíblicos. A resolução proíbe, por exemplo, o uso da bateria e menciona o texto de Amós 5.23, praticando assim uma espécie de anacronismo bíblico quando relaciona um texto bíblico que nada tem que ver com o instrumento musical bateria. Cf. PONTES NETO, Edenin. Resolução de convenção evangélica veta o uso de TV e outros costumes. *Searanews*, sítio web. 4 de junho de 2019. Disponível em: < <https://www.searanews.com.br/resolucao-de-convencao-evangelica-veta-o-uso-de-tv-e-outros-costumes/> >. Acesso em: 10 set. 2019.

<sup>17</sup> O teólogo pentecostal Antonio Gilberto irá afirmar: “[...] O texto de 1 Pedro 2.2 fala do intenso apetite dos recém-nascidos; assim deve ser o nosso desejo pela Palavra. Bom apetite pela Bíblia é sinal de saúde espiritual”. Cf. GILBERTO, Antonio. *A Bíblia Através dos Séculos: uma introdução*. 19 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 11.

recusa ao academicismo, e por ser um movimento desprovido de uma tradição teológica mais bem elaborada, mas curiosamente é um movimento protestante que sempre valorizou muito a leitura da Bíblia e a sua pregação constante.

A leitura da Bíblia nas comunidades pentecostais ocupa lugar de destaque. Se por um lado não é correto afirmar que se possa falar de uma tradição teológica profunda e bem desenvolvida no Movimento Pentecostal, como mencionado acima, por outro lado é injusto insistir que o movimento não possua uma Teologia e uma tradição de ensino bíblico. Vários teólogos pentecostais vêm insistindo no sentido de que o Pentecostalismo possui sim uma leitura teológica própria que merece ser considerada.

Uma obra muito importante para o pensamento pentecostal brasileiro é a *Teologia Sistemática*, editada pelo teólogo norte-americano Stanley M. Horton (1916-2014), e traduzida e publicada no Brasil pela CPAD, em 1996. O capítulo de número dois é dedicado justamente a refletir sobre os fundamentos teológicos que sustentam a fé pentecostal, bem como sua *práxis*. Nele, os autores James H. Railey Jr. e Benny C. Aker comentam o seguinte:

Os pentecostais possuem uma rica herança no âmbito da experiência, demonstrando convicções fervorosas no tocante à sua fé. Todavia, não têm se mostrado igualmente dispostos a registrar, por escrito, as explicações a respeito de suas experiências com as verdades da Bíblia. Agora, porém, há uma literatura, cada vez mais notória, que, tendo-se em conta a perspectiva pentecostal, leva adiante o esforço de se expandir o entendimento entre os vários grupos dentro da igreja.<sup>18</sup>

Na mesma obra acima mencionada, o teólogo pentecostal Gary B. McGee afirma que “alguém comentou, certa vez, que o Pentecostalismo é um movimento à procura de uma teologia, como se não estivesse ele radicado à interpretação bíblica e à doutrina cristã”<sup>19</sup>. Mesmo que não se possa falar de uma contribuição histórica específica, fato é que o pentecostalismo possui profundas raízes teológicas e não surge ou não se ergue como um dos maiores fenômenos religiosos do mundo numa espécie de vácuo intelectual.

Com efeito, já em seus primeiros decênios, a Assembléia de Deus, por exemplo, investiu na realização de eventos direcionados ao ensino bíblico. Denominações como a Congregação Cristã no Brasil e Deus é Amor não se destacaram neste sentido e no caso da primeira, ela nunca caminhou na direção de implantar uma editora e publicar textos. Não foi este o caso da Assembléia de Deus que há 80 anos mantém uma casa publicadora própria, a CPAD (Casa Publicadora das Assembléias de Deus), sediada em Bangu, no estado do Rio de

<sup>18</sup> HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Trad. Gordon Chown. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 44.

<sup>19</sup> GEE, Gary B. Panorama histórico. HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Trad. Gordon Chown. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 11.

Janeiro e que há anos se coloca como uma das maiores do segmento, no Brasil. Com um catálogo extenso de obras publicadas, a editora também patrocina eventos de ensino bíblico pelo Brasil e publica trimestralmente uma revista de estudos bíblicos, que se tornou uma tradição na denominação, a *Revista Lições Bíblicas*, sempre em duas edições paralelas, sendo uma direcionada a alunos e outra direcionada a professores, contendo o mesmo texto da revista de alunos, mas com conteúdos adicionais que objetivam auxiliar o professor de Escola Bíblica Dominical, seja na forma impressa ou digital. De acordo com o site da editora CPAD: “nos últimos anos, a tiragem de revistas de Escola Dominical passou de 1 milhão para mais de 2,2 milhões trimestrais”<sup>20</sup>.

A leitura e exposição bíblicas são também sempre vistas como absolutamente necessárias ao culto pentecostal. Um pentecostal haverá de considerar como impróprio um culto onde ele não constate uma exposição bíblica que considere minimamente suficiente. Na verdade, ele tende até mesmo a não considerar a legitimidade do culto pentecostal se ele não for marcado pela leitura da Bíblia e pela sua exposição.<sup>21</sup>

## 2. A EXPERIÊNCIA COMO LENTE PARA A LEITURA BÍBLICA

O interesse pela experiência no que diz respeito aos contextos da fé, naturalmente, não é exclusividade do Movimento Pentecostal. Outros contextos cristãos, também manifestam esse interesse pela experiência religiosa.<sup>22</sup> Com o exponencial crescimento do Pentecostalismo não apenas na América Latina, mas em outros continentes, especialmente na África, percebe-se uma crescente produção literária abordando a questão da experiência.

No Brasil, algumas obras surgiram lançando luz sobre o tema, tanto obras traduzidas como também obras produzidas por teólogos pentecostais brasileiros. Em 2018 foi publicada *A hermenêutica do Espírito*, de autoria do teólogo estadunidense Craig S. Keener. O autor usa o

<sup>20</sup> CPAD. *Nossa história*. Site web. [s.d.]. Disponível em:

<<http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=1&i=2>>. Acesso em: 20 set. 2019.

<sup>21</sup> Por “exposição” aqui não se deve entender a pregação que se utiliza do modelo expositivo. A Homilética apresenta uma tradicional classificação para os sermões, que é tríplice: sermão expositivo, textual e temático. As igrejas pentecostais em tempos mais recentes vêm se abrindo a esse modelo de sermão expositivo, que é um tipo de sermão que valoriza mais a exposição do texto bíblico em si. Geralmente, as igrejas de matriz pentecostal valorizam muito os sermões pregados no modelo temático.

<sup>22</sup> O *Dicionário Teológico Enciclopédico* (católico) dedica dois artigos ao tema da experiência (LEITE, Silvana Cobucci. MARCIONILO, Marcos. *et al. Lexicon: Dicionário Teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 281ss).



tema da experiência para perpassar praticamente toda a obra.<sup>23</sup> Nos subtópicos seguintes será considerada a experiência em relação ao texto bíblico. Deve ser lembrado que o Pentecostalismo valoriza muito a experiência e busca fundamentação nas Escrituras para a experiência pessoal.

## 2.1 Experiências extáticas antes do texto

É muito comum o crente pentecostal experienciar o batismo com o Espírito Santo e dons espirituais mesmo antes de conhecer mais profundamente o texto bíblico.<sup>24</sup> Essas “experiências extáticas”<sup>25</sup> se colocam como cumprimento da promessa do derramamento do Espírito sobre a Igreja, e o pentecostal entende ser participante do cumprimento dessa promessa. Em seguida, ele encontra nas Escrituras amparo para o que experimentou, o que legitima assim essa vivência ou experiência pentecostal, por assim dizer.

Mas aqui reside um grande desafio ao Pentecostalismo, desafio reconhecido até mesmo pelos próprios pentecostais. Existe a tendência de se utilizar experiências pessoais para legitimar práticas e exigências que, na verdade, o próprio Pentecostalismo considera como antibíblicas e algumas até irracionais. É o caso de determinadas campanhas de cura divina e revelação, petição de ofertas e votos além de outras práticas semelhantes, geralmente legitimadas por alguma suposta revelação divina ou inspiração “profética”, mas severamente criticadas por alguns teólogos pentecostais.<sup>26</sup> É preciso cautela com este fato para que não se

---

<sup>23</sup> Mas dar especial atenção à seção “Ler bíblicamente é ler experiencialmente” (KEENER, Craig S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*. Trad. Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 67-86).

<sup>24</sup> Aliás, acontece de pessoas serem batizadas com o Espírito Santo no momento da conversão, muito antes de terem qualquer condição mínima de articular qualquer tema teológico ou doutrina elementar do próprio Pentecostalismo.

<sup>25</sup> Esta expressão pode parecer estranha ao crente pentecostal comum, nas diversas denominações de matriz pentecostal, mas não é à Academia Teológica. Por “extático” o que se pretende comunicar é que o pentecostal passou por uma experiência em que há alteração de mente ou de consciência, não no sentido de privar o cristão de seus sentidos, mas de experienciar algo além do habitual, do comum. G. Bove descrevendo o êxtase comenta o seguinte: “Na fenomenologia da vida espiritual, o êxtase é uma experiência comum a diversas tipologias religiosas e visões filosóficas. No cristianismo primitivo, o Espírito Santo se manifesta como força extática, embora não se lhe possa determinar a natureza. Mais tarde Montano salientou o caráter passivo/receptivo da pessoa nesse estado: os êxtases dos primeiros monges são frequentemente acompanhados de visões, mas não produzem um estado além da inteligência e da composição consciente” (BOVE, G. *Êxtase in: LEITE, Silvana Cobucci. MARCIONILO, Marcos. et al. Lexicon: Dicionário Teológico enciclopédico*. São Paulo, SP: Loyola, 2003, p. 285).

<sup>26</sup> O Pastor Paulo Romeiro, pesquisador do Pentecostalismo, em palestra comenta justamente sobre o problema aqui elencado, ainda recorrente em igrejas pentecostais. Cf.: ROMEIRO, Paulo. *Erros e acertos nos movimentos pentecostais - Pr. Paulo Romeiro - IV Congresso de Teologia Arminiana*. [vídeo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wCNu58PFP-s>> Acesso em 08 out. 2019.

lance um olhar sobre o Movimento Pentecostal a partir dessas práticas estranhas, criticadas justamente por pentecostais sérios.

Um ponto importante ainda a ser destacado na questão das experiências extáticas antes do texto bíblico, isto é, antes do cristão ter contato mais profundo com as Escrituras, é que este fato pode ser observado já nos movimentos pré-pentecostais dos Estados Unidos e mesmo no avivamento da Rua Azusa, de 1906, liderado por William J. Seymour. Ainda que o próprio Seymour tivesse tido contato com Charles F. Parham, tendo sido seu aluno, o fato é que Seymour foi um leigo no que tange ao conhecimento bíblico, ainda que fosse um homem apegado às Escrituras. Como se pode perceber, este é um fato recorrente na realidade do Pentecostalismo. Naturalmente, isto não é pressuposto para se inferir de modo conclusivo que os pentecostais não valorizem as Escrituras e prescindam delas ou mesmo que o fato de o pentecostal ter experiências carismáticas antes desse contato mais profundo com a Bíblia deva ser entendido como uma espécie de normatização.

## **2.2 Experiências extáticas na leitura e pós leitura**

O pentecostal experiência o êxtase, mas encontra nas Escrituras embasamento para essa experiência. E vários são os exemplos aos quais se recorre nas Escrituras, no Antigo e no Novo Testamento, para a legitimação dessa experiência carismática ou pentecostal. Os profetas no Antigo Testamento são exemplos de pessoas que por vezes experienciaram manifestações poderosas de Deus por meio de visões, sensações e vozes. Vale lembrar que alguns profetas foram também chamados de “videntes”, devendo este termo – “vidente” – ser entendido aqui não com o sentido que ele assume no Espiritismo, mas sim como apontando para “aquele que vê”. Isto em função do profeta do Antigo Testamento, algumas vezes, ver a mensagem recebida em êxtase, da parte de Deus. É o caso de Ezequiel, por exemplo.

No Novo Testamento, a saber, nos quatro evangelhos, encontram-se manifestações de expulsões de demônios, audição da voz de Deus e realização de milagres extraordinários. Essas experiências bíblicas são entendidas como prenúncio de manifestações ulteriores ao próprio texto bíblico, como que pretendendo comunicar que essas experiências deveriam se repetir na própria vida dos cristãos, hoje. Dito de outra forma, a experiência de Atos e de outros textos bíblicos pode repetir-se, de certo modo, na vida da igreja na atualidade. A maneira como o pentecostal irá interpretar o texto bíblico está justamente ancorada neste pressuposto.

Um ponto importante a ser destacado neste subtópico é que esse êxtase espiritual do pentecostal que se dá durante a leitura da Bíblia não assume um caráter normativo para a interpretação das Escrituras. No máximo, para o Pentecostalismo, essas experiências individuais que ocorrem durante a leitura da Bíblia são ações do Espírito Santo no interior do crente com vistas a lhe revelar alguma verdade ou beleza do texto bíblico não percebido até então, por esse pentecostal que está experimentando o êxtase.

Keener irá afirmar que a “espontaneidade não é idêntica à inspiração”. Os pentecostais acreditam num cânon fechado, o que significa dizer que por mais que estejam abertos à experiência, jamais se abrirão à possibilidade de adicionar novos livros ou qualquer outro texto ao patamar de “inspirado por Deus”, à semelhança das Sagradas Escrituras. Isto significa dizer que a piedade não deve prescindir do estudo cuidadoso das Escrituras, conforme alerta Keener:

Infelizmente, alguns cristãos zelosos por uma nova experiência não acham o estudo cuidadoso suficientemente empolgante. Esse veredito pode não se aplicar a intérpretes acadêmicos, mas parece um mal muito comum entre leitores no nível popular.

A Bíblia nos exorta a buscar com diligência a sabedoria (Pv 2.2,3; 4.5; 15.14; 22.17; 23.23); atalhos não são o modo de obtê-la. Em nossa cultura, queremos tudo instantâneo; devoções *fast-food* combinam com o nosso estilo de vida ativo. Instantâneo, no entanto, não é sempre, e talvez geralmente não, o modo de Deus.<sup>27</sup>

A fala acima do teólogo norte-americano Craig S. Keener revela uma preocupação no sentido de que as Escrituras devem ser tratadas com seriedade e entendidas dentro de seus contextos. Keener prossegue afirmando que no nível da leitura popular os cristãos seguem usando os versículos da Bíblia como se fossem frases de efeito, daquelas que são usadas em mídias sociais, o que contribui para o empobrecimento do entendimento adequado das Escrituras. Keener prossegue:

O processo de estudo cuidadoso pode não soar inspirador àqueles que acreditam que o Espírito é experimentado ou buscado exclusivamente em um contexto de espontaneidade, mas Provérbios insiste em que sejamos diligentes na busca da sabedoria e conhecimento. Os pentecostais afirmam que Lucas escreveu sua obra pelo Espírito e, no entanto, Lucas nos diz que fez pesquisa antes de escrever (Lc 1.1-4).<sup>28</sup>

Os pentecostais conquanto reconheçam a necessidade e a importância da experiência na vida cristã, insistem que qualquer experiência precisa submeter-se ao crivo das Escrituras.

---

<sup>27</sup> KEENER, 2018, p. 202.

<sup>28</sup> KEENER, 2018, p. 203.

Noutras palavras, se essa experiência pessoal não encontrar eco na Bíblia, ela deve ser rejeitada. Por mais que o texto bíblico possa servir para legitimar a experiência, de algum modo, o pentecostal tem claro diante de si que a experiência precisa seguir no trilho do que ensinam as Escrituras. No subtópico seguinte será considerada a hermenêutica pentecostal, o que significa dizer que se refletirá como os pentecostais interpretam a Bíblia.

### 2.3 Introdução à hermenêutica pentecostal

A hermenêutica pentecostal está fortemente ligada ao fator experiência e aplicação pessoal. Noutras palavras, os textos bíblicos são ressignificados na vida da própria igreja. Longe de serem encarados como textos sem vida, ou como meros documentos históricos, ou ainda narrativas de eventos “presos” ao passado, os textos bíblicos são encarados como textos vivos no sentido de que eles estão comunicando uma realidade possível ao crente, hoje. O teólogo e missionário pentecostal Robert P. Menzies comenta o seguinte:

Não, a hermenêutica da maioria dos crentes pentecostais não é excessivamente complexa. Não está cheia de questões sobre a confiabilidade histórica ou repleta de cosmovisões ultrapassadas. Não é excessivamente reflexiva sobre os sistemas teológicos, a distância cultural ou as estratégias literárias. A hermenêutica do crente pentecostal típico é direta e simples: as histórias em Atos são *minhas* histórias – histórias que foram escritas para servir de modelo para moldar a minha vida e experiência. Isso não quer dizer que os pentecostais não exercem discernimento ou julgamento. Afinal, nem todas as histórias estão cheias de façanhas de heróis. Há vilões, e nem todos os aspectos da história devem ser imitados. Entretanto, permanece o fato de que os pentecostais prontamente aceitaram (os detratores diriam acriticamente) as histórias de Atos como *nossas* histórias, histórias que moldam a nossa identidade, ideais e ações.<sup>29</sup>

A hermenêutica pentecostal preza, assim, como evidenciado por Menzies, pela repetição da experiência bíblica na vida da igreja, ainda que se guardando as devidas proporções, é claro. Craig comenta que “[...] como cristãos, lemos a Bíblia com *fé* pessoal – não somente para entendê-la, mas para receber a sua mensagem e cosmovisão teológica como verdadeiras para o mundo em que vivemos”<sup>30</sup>. O pentecostal entende ser verdadeira a Bíblia enquanto mensagem de Deus para o homem contemporâneo e conduz assim seus preceitos e narrativas para sua experiência religiosa, desdobrada no cotidiano, na prática cültica e na ética.

---

<sup>29</sup> MENZIES, Robert P. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 22.

<sup>30</sup> KEENER, 2018, p. 66.

No sentido acima expresso, pode ser dito, e até com justiça, que os pentecostais se alinham, inclusive, com outras tradições historicamente cristãs, como é o caso do protestantismo reformado que abarca igrejas como a Presbiteriana do Brasil. A Teologia Reformada, tem uma inelutável preocupação no sentido de preservar uma cosmovisão que seja bíblica e que responda ao mundo em que os cristãos vivem. Francis A. Schaeffer, teólogo reformado do século 20, comenta o seguinte:

Quando bem compreendido, o Cristianismo, enquanto sistema, apresenta respostas para as necessidades básicas do homem moderno. Nisto ele se distingue da nova teologia, que não tem bases suficientes que lhe permitam dar respostas que resistam ao teste da racionalidade e ao todo da vida, como devemos vivê-la.<sup>31</sup>

O que Schaeffer está propondo é que o Cristianismo se coloca como uma espécie de resposta mais adequada, ou melhor, a única resposta possível para explicar o mundo e seus dilemas.<sup>32</sup> Na verdade, Schaeffer está propondo que a cosmo visão bíblica e cristã é a resposta adequada para se entender a realidade de modo cabal. O Pentecostalismo caminha justamente neste sentido de interpretar não apenas os textos bíblicos aplicando-os à vida, mas a própria realidade pelas lentes das Escrituras, usando sua chave hermenêutica própria, que consiste de unir texto e experiência. Este, é claro, trata-se de apenas um exemplo que permite perceber a convergência entre Pentecostalismo e outra tradição em termos de alinhamento teológico.

### **3. TEOLOGIA ACADÊMICA E LEITURA BÍBLICA DO PENTECOSTAL**

O pentecostal sempre se deparou com uma dificuldade importante: ao chegar a um ambiente acadêmico de estudos teológicos ele se choca ao perceber a disparidade entre o que recebeu no contexto eclesial ou mesmo em seminários de orientação pentecostal e o que se coloca diante dele, agora, num ambiente substancialmente diferente conhecido por ele, no caso, o ambiente acadêmico. Naturalmente, os seminários, cursos livres de Teologia e outras modalidades de educação teológica, vinculados às denominações pentecostais, em geral vão oferecer um ensino teológico que está alinhado com a confessionalidade dessas denominações, o que não ocorre em ambientes acadêmicos. Evidentemente, há muitos pontos de convergência, mas é fato que se percebe também um “fosso” entre esses contextos. Para dificultar mais ainda, ocorre ainda do pentecostal se deparar e precisar conviver com leituras

---

<sup>31</sup> SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. Trad. Gabrielle Greggerson. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 137.

<sup>32</sup> Na verdade, o pensamento de Schaeffer vai mesmo nesta direção.

caricatas e reducionistas, inclusive, a respeito de sua fé e de seu estilo de espiritualidade, bem como desua forma de encarar as Escrituras. Todavia, contribuições podem ser colhidas de ambos os lados. O universo acadêmico pode enriquecer sua pesquisa sobre o fenômeno pentecostal (no sentido do seu exponencial crescimento em número de adeptos<sup>33</sup>) na medida em que se abre a “ouvir” o pentecostal e o que ele tem a dizer sobre sua fé, e o universo pentecostal por sua vez tem muito a ganhar quando se abre para as contribuições da Academia teológica, inclusive no campo da Teologia Bíblica. Sob outra perspectiva, ambos os lados podem lucrar com o diálogo respeitoso, com a redução das caricaturas por parte de ambas as partes e no reconhecimento de que a afirmação de uma tradição cristã não necessariamente pressupõe a rejeição de contribuições possíveis da pesquisa acadêmico-teológica. No subtópico a seguir, serão considerados os conflitos entre categorias tradicionais da Teologia e o fervor pentecostal e como esse dualismo pode ser superado.

### 3.1 Os conflitos entre as categorias tradicionais da teologia e o fervor pentecostal

A Teologia cristã carrega em seu bojo doutrinário uma forte carga racionalista, herdada em grande medida de movimentos históricos como a própria Reforma Protestante no século XVI e o Iluminismo, no século XVIII. A Modernidade foi uma época que realçou muito a proeminência da razão<sup>34</sup> e não é de se estranhar que tal tendência tenha afetado também a Teologia. E o Pentecostalismo, ancorado em pressupostos espirituais e metafísicos, naturalmente apresentou certa rejeição (em alguns momentos da história, ojeriza mesmo) ao estudo acadêmico.<sup>35</sup> Em termos de método hermenêutico, o Pentecostalismo se associa mais ao Método Histórico-Gramatical e não ao Método Histórico-Crítico justamente pelo fato deste último não se abrir ao sobrenaturalismo bíblico e procurar explicar as Escrituras sempre de uma perspectiva mais textual, histórica e racionalista.

A Pós-modernidade é uma era ou época que irá romper drasticamente com essa primazia da razão dando lugar ao sentimento, às emoções, à fé, conforme indica Antonio Cruz em seu livro *Postmodernidad: el Evangelio ante el desafío del bienestar*, apontando que na Pós-modernidade ocorre uma espécie de “retorno ao sentimento”, para falar nos termos do

<sup>33</sup> O Movimento Pentecostal, a despeito de sua pujança em termos de crescimento numérico, convive com problemas graves e já se nota a estagnação de denominações históricas, como a Assembleia de Deus no Brasil.

<sup>34</sup> CRUZ, Antônio. *Postmodernidad: el Evangelio ante el desafío Del bienestar*. Espanha: Editorial CLIE, 1996, p. 21ss.

<sup>35</sup> Isso foi indicado pelo pesquisador pentecostal, Dr. Paulo Romeiro in: CARVALHO, César Moisés. *Uma pedagogia para a Educação Cristã: noções básicas da Ciência da Educação a pessoas não especializadas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 217.

próprio autor.<sup>36</sup>O que ocorre é que os prognósticos iluministas em torno da razão de certo modo não se concretizaram. A razão não resolveu os maiores problemas da humanidade e a religião continua com muita força no século XXI, talvez não tanto no seu aspecto institucional, mas com certeza em seu aspecto subjetivo ela perpassa de modo muito significativo a existência humana.

O teólogo pentecostal César Moisés Carvalho comenta que o Pentecostalismo irá encontrar uma boa acolhida na Pós-modernidade justamente pela valorização que ela dá a subjetividade, a fé e a experiência.<sup>37</sup> O homem pós-moderno preza muito pela experiência pessoal e busca “sentir” mais do que “crer”. Mesmo que o Pentecostalismo seja acusado indevidamente de não produzir uma reflexão teológica mais profunda, não se pode negar que ele valoriza muito a experiência extático-religiosa. Tal valorização o colocou, inevitavelmente, em linha de choque com as tradicionais categorias teológicas que valorizam a razão como meio maior (e em alguns casos, até único) de se chegar ao conhecimento da revelação de Deus.<sup>38</sup>

### 3.2 A redescoberta da experiência no ambiente acadêmico

O contexto acadêmico-teológico vem manifestando um interesse considerável pelo fator “experiência” e, por que não dizer, pelo fator “experiência pentecostal, como afirmam os teólogos pentecostais responsáveis pela idéia de relação entre êxtase e hermenêutica pentecostal, David Mesquiati e Kenner Terra”<sup>39</sup>. Pode até ser afirmado que os estudos

---

<sup>36</sup> CRUZ, 1996, p. 57ss.

<sup>37</sup> César Moisés Carvalho, teólogo pentecostal, percebeu justamente essa “acolhida” da Pós-modernidade ao Pentecostalismo. Para esse autor, o Pentecostalismo se “encaixou” muito bem na Pós-modernidade justamente porque ele é um movimento que valoriza a experiência e a subjetividade da experiência religiosa. Carvalho procura ainda demonstrar a falha do sistema calvinista no sentido de explicar a realidade e entender o mundo ancorando-se numa leitura racionalista, numa época em que o racionalismo é fortemente questionado. Em seguida, lança uma importante (e provocadora) indagação: “O que aconteceu com o protestantismo cuja ênfase recaí sobre um encontro com Jesus mediado unicamente pelo assentimento apriorístico de proposições teológicas que foram desenvolvidas numa época de racionalismo?” E ele mesmo responde em seguida de modo ainda mais provocador: “Seu discurso não faz mais sentido, posto que há controvérsias para cada um dos seus pontos que, por serem de natureza teórica, dependem de verificação, análise e interpretação” (CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 46). Assim, prossegue Carvalho, o pentecostalismo, acusado justamente de não ter uma Teologia, que “[...] não apoia a crença absoluta no poder absoluto da razão, posto que a experiência é algo concreto para o indivíduo que a vive, mas subjetiva para o observador que, com pretensões cartesianas, a olha à distância e pesquisa; e muito menos fecha com o relativismo pós-moderno, visto que no encontro com o Espírito ocorre a ‘subsequente transformação de indivíduos’” (CARVALHO, 2012, p. 47).

<sup>38</sup> Teólogos reformados e batistas insistentemente vem criticando o Movimento Pentecostal, aplicando a ele, inclusive, uma série de rótulos.

<sup>39</sup> Isso pode ser evidenciado por publicações que abordam de modo considerável esta questão. Um caso curioso, no entanto, é a publicação da obra aqui citada, *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica* (2018), publicada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus

acadêmicos em torno do Pentecostalismo não sejam tanto em função do interesse da Academia pela Teologia Pentecostal propriamente dita, mas ao menos o são em termos de fenomenologia da religião. É que o Pentecostalismo recebe “espantalhos” quanto às suas formulações doutrinárias e teológicas, inclusive na própria academia teológica. Já foi dito que o Pentecostalismo é um movimento de uma doutrina só (a do batismo com o Espírito Santo) ou ainda, que ele é um movimento em busca de uma teologia. Teólogos pentecostais, contudo, se manifestaram e se manifestam contrariamente a tais afirmações, insistindo que desde seus inícios, o Movimento Pentecostal sempre teve uma preocupação em torno de uma formulação teológica de suas doutrinas, além do fato dele reivindicar ser herdeiro das principais doutrinas defendidas pela Reforma Protestante, como por exemplo, a de que a Bíblia é a Palavra de Deus, inspirada.

Um fator muito importante que tem recebido atenção na academia teológica é o da experiência pentecostal. As comunidades pentecostais são muito práticas e interpretam as Escrituras, conforme já foi mencionado neste artigo, a partir de uma leitura experiencial. Neste sentido, a academia teológica vem reconhecendo que para se entender a hermenêutica pentecostal, é preciso considerar a relação com a experiência. E deve ser lembrado ainda que a observação sobre a experiência como fator atrelado à interpretação de textos não necessariamente é exclusividade do Pentecostalismo, já que autores como Paul Ricoeur, por exemplo, reconheceram que a interpretação dos textos encontra no leitor um agente fundamental, no sentido de que ele atribui significado ao texto e interpreta o texto de dentro de uma comunidade interpretativa e a partir de uma tradição.

### **3.3 Por uma teologia que valoriza a experiência pentecostal**

Craig S. Keener insiste em que as tradições podem colher contribuições mutuamente umas com as outras.<sup>40</sup> Não há razão de se fomentar o conflito ou a rejeição total entre as diferentes tradições cristãs, dentre elas, a pentecostal. Com efeito, o diálogo estabelecido pode propiciar a redução de caricaturas e estereótipos que não correspondem de fato ao que vem a ser a tradição pentecostal.

Abordagens reducionistas tendem sempre a ser feitas pelo fato de não se conhecer mais a fundo em que creem e como os pentecostais vivenciam a sua fé. Esse diálogo pode

---

(CPAD), procura propor justamente uma reflexão em torno da experiência e hermenêutica pentecostais e discorre também a respeito do fato de que os pentecostais ainda carecem de uma Teologia que seja própria.

<sup>40</sup>KEENER, 2018, p. 200ss.



possibilitar uma abertura maior inclusive para o Movimento Pentecostal, tanto em sua *práxis* religiosa como em sua confissão teológica, abertura que não significa, em hipótese alguma, a descaracterização do movimento, apenas uma abertura ao diálogo com outras tradições.

Noutra mão, é possível pensar um construto teológico que valorize o que é tão forte e significativo no Pentecostalismo: a experiência. A Academia de um modo geral valoriza muito a prática, a vida, a realidade que envolve as pessoas, a experiência. No caso da Academia teológica, existe a legítima preocupação em que se possa pensar e fazer Teologia com resultados práticos que “encontrem” o interlocutor na vida real. Nesse sentido, entende-se que o Pentecostalismo pode contribuir muito com sua ênfase na experiência. De algum modo, pode ser dito que a experiência religiosa pentecostal valoriza muito o aspecto prático da vida cristã.

Quando se lança um olhar sobre as assim chamadas “doutrinas pentecostais”, logo se percebe esse viés altamente prático.<sup>41</sup> A finalidade dos dons espirituais – entendem e afirmam os pentecostais – é prática, é para a edificação do corpo de Cristo, tomando como base 1 Coríntios 12. A Teologia sempre manteve estreito diálogo com a Filosofia e talvez por isso mesmo sempre correu o risco de se tornar “árida” no que tange à vida concreta, no sentido de ser tentada a se restringir apenas ao ato reflexivo. Em tempos recentes, recrudescer o desejo por uma Teologia que esteja mais próxima, por assim dizer, das comunidades de fé em suas demandas reais e concretas.

Quando se consideram os procedimentos do Método Histórico-Crítico<sup>42</sup>, percebe-se que uma de suas tendências foi reduzir a Bíblia a um livro de tempos passados, sem nenhuma relevância para o hoje.<sup>43</sup> A Bíblia é encarada mais como um documento histórico-religioso do que como uma mensagem viva com aplicações e implicações presentes.<sup>44</sup> Para um pentecostal, tal aproximação da Bíblia lhe parece, em certa medida, um absurdo.<sup>45</sup> A Bíblia é um livro vivo – é Palavra de Deus – cujas experiências nela registradas são para a Igreja na atualidade, e não pode jamais ser relegada ao plano de “um documento histórico-religioso”.

---

<sup>41</sup> A *Declaração de fé das Assembleias de Deus* assim registra: “Cremos: 1. Na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17)” (ASSEMBLEIA DE DEUS, 2017).

<sup>42</sup> Que não é Teologia propriamente dita (é um método exegético), mas está, inevitavelmente, trabalhando com Teologia.

<sup>43</sup> LINNEMAN, Edda. *Crítica histórica da Bíblia*. Trad. Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 133ss.

<sup>44</sup> Uwe Wegner, que é um exegeta trabalhando com o Método Histórico-Crítico, reconhecesse essa deficiência: WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998, p. 11ss.

<sup>45</sup> Ainda que teólogos pentecostais utilizem o Método Histórico-Crítico, não se pode negar que existe ampla rejeição a vários de seus pressupostos interpretativos no contexto do Movimento Pentecostal.

Um fator muito importante ainda que pode ser destacado nessa dicotomia Palavra-experiência é o encontro entre o divino e o humano, entre Deus e o homem, por meio da Palavra escrita, na espiritualidade pentecostal. A Bíblia, entendida como Palavra de Deus pelo crente pentecostal, opera como essa “ponte” entre ele e a divindade. Ler a Bíblia em oração significa “ouvir” a voz de Deus que orienta nas decisões da vida pessoal.<sup>46</sup> O próprio entendimento que o pentecostal nutre quanto à Bíblia já indica que ele a encara como uma forma de relacionamento entre Deus e o homem. Na *Declaração de fé das Assembleias de Deus* pode-se ler o seguinte:

São dois os propósitos das Escrituras Sagradas: revelar o próprio Deus e expressar a sua vontade à humanidade. Pelo primeiro, dentre outras formas de revelação, Deus graciosamente revelou a si mesmo pela Palavra: “Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho” (Hb 1.1). Pelo segundo propósito, Deus expressa claramente a sua vontade redentora a todos e a cada um dos seres humanos sem nenhuma acepção de pessoas, por meio da fé em Jesus Cristo: “Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé” (Rm 1.17). Assim sendo, o Senhor Jesus Cristo é o centro das Escrituras. Ele mesmo disse: “São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos” (Lc 24.44). Tudo o que precisamos saber sobre Deus e a nossa redenção está suficientemente revelado em sua Palavra. Ela é o manual de Deus para toda a humanidade, e suas instruções visam, também, à felicidade humana e o bem-estar espiritual e social de todos os seres humanos.<sup>47</sup>

Observa-se o uso da palavra “manual” no texto da *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, acima citado. Esse uso não é apenas textual. Ele também é recorrente na prédica, no ensino e na liturgia pentecostal. É um reflexo da maneira como a Bíblia é entendida no contexto pentecostal: como um “manual” que orienta para a vida, para a cosmovisão e para o conjunto de doutrinas que serão aceitas como regra de fé, prática e liturgia. Desse modo, torna-se essencial pensar uma construção teológica que se abra ao elemento “experiência” na reflexão teológica pentecostal, reconhecendo a sua inerência e contribuição.

## CONCLUSÃO

A experiência pentecostal é decisiva para a maneira como o pentecostal lê a Bíblia. Desta forma, a espiritualidade pentecostal conjuga a leitura das Escrituras com a experiência. O pentecostal entende que a promessa do batismo com o Espírito Santo e do recebimento de

<sup>46</sup> Um pentecostal mais amadurecido não entende essa “orientação” em termos de um controle divino absoluto sobre sua vida. Na verdade, ele entende que deve tomar suas decisões buscando sempre, por meio da devoção, a orientação de Deus sobre o melhor caminho a seguir.

<sup>47</sup> ASSEMBLEIA DE DEUS, 2017, p. 27-28.

dons espirituais é também para ele, hoje. Ao experienciar ele mesmo esse êxtase espiritual, entende que a promessa bíblica o alcançou, o que serve como forma de confirmação de sua fé, da realidade da experiência e do fato de que a Bíblia é verdadeira em suas promessas, já que ele mesmo experienciou o que ela ensina.

Inevitavelmente, o cristão de matriz pentecostal lê as Escrituras sob o prisma pneumatológico, o que tem sido chamado de “hermenêutica pentecostal” ou “hermenêutica do Espírito”.<sup>48</sup> E essa leitura torna a Bíblia para ele muito mais do que um documento com informações de cunho teológico e histórico. A Bíblia, talvez com uma ênfase maior que em qualquer outra tradição cristã, é recebida como Palavra de Deus, isto é, como uma mensagem inspirada que fala à vida e que reside no texto bíblico. Vivendo em um estado de êxtase, o pentecostal tem seu mundo povoado por forças espirituais, animando vitalmente as Escrituras e sua relação com entorno.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. In: GILBERTO, Antonio (Ed.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil. Aproximações mediante a estética da recepção. *Rever*, a.12, n. 01, jan/jun. 2012. p. 10-30.

BOVE, G. Êxtase in: LEITE, Silvana Cobucci. MARCIONILO, Marcos. *et al. Lexicon: Dicionário Teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

CPAD. *Nossa história*. Sítio web. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.editoracpad.com.br/institucional/integra.php?s=1&i=2>>. Acesso em: 20 set. 2019.

CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-modernidade: quando a experiênciasobrepõe-se à Teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CARVALHO, César Moisés. *Uma pedagogia para a Educação Cristã: noções básicas da Ciência da Educação a pessoas não especializadas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

CRUZ, Antonio. *Postmodernidad: elEvangelio ante el desafio delbienestar*. Espanha: Editorial CLIE, 1996.

---

<sup>48</sup> Expressão que dá título ao livro do teólogo pentecostal norte-americano, Craig S. Keener, já citado neste artigo.

DANIEL, Silas. *A formação da teologia pentecostal no Brasil*. Disponível em: <[pentecostalismo.wordpress.com/2008/03/31/a-formacaoda-teologia-pentecostal-no-brasil/](http://pentecostalismo.wordpress.com/2008/03/31/a-formacaoda-teologia-pentecostal-no-brasil/)> Acesso em 18 set. 2019.

GILBERTO, Antonio. *A Bíblia Através dos Séculos: uma introdução*. 19 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

HORTON, Stanley M. (Ed.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Trad. Gordon Chown. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

KEENER, Craig S. *A hermenêutica do Espírito: lendo as Escrituras à luz do Pentecostes*. Trad. Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2018.

LEITE, Silvana Cobucci. MARCIONILO, Marcos. *et al. Lexicon: Dicionário Teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

LINNEMAN, Etta. *Crítica histórica da Bíblia*. Trad. Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

MENZIES, Robert P. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. A leitura bíblica dos pentecostais e o conceito de performance. *Rever*, a. 17, n. 2, mai/ago. 2017, p. 120-140.

OLIVEIRA, Davi Mesquiati de; TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

PONTES NETO, Edenin. Resolução de convenção evangélica veta o uso de TV e outros costumes. *Searanews*, sítio web. 4 de junho de 2019. Disponível em: <<https://www.searanews.com.br/resolucao-de-convencao-evangelica-veta-o-uso-de-tv-e-outros-costumes/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

ROMEIRO, Paulo. *Erros e acertos nos movimentos pentecostais - Pr. Paulo Romeiro - IV Congresso de Teologia Arminiana*. [vídeo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wCNu58PFP-s>> Acesso em 08 out. 2019.

SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. Trad. Gabrielle Greggersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

ASSEMBLEIA DE DEUS. *Declaração de Fé das Assembleias de Deus: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.